



DOI: <https://doi.org/10.59488/tragica.v17i3.64133>

# Revista Trágica

Volume 17 - Número 03 ISSN 1982-5870

---

## *Pedagogia do Conceito: um diálogo entre Gallo e Deleuze*

*Pedagogy of the Concept: a dialogue between Gallo and Deleuze*

Bárbara Lucchesi Ramacciotti  

Professora colaboradora do Mestrado PROF-Filo e  
Professora visitante de ensino de Filosofia da UFABC, Santo André, SP, Brasil  
Contato: [barb.lucrarna@gmail.com](mailto:barb.lucrarna@gmail.com)

**Resumo:** Silvio Gallo (2020), em *Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o ensino médio*, propõe uma metodologia para o ensino de filosofia, designada como “pedagogia do conceito”, a qual possui dois elementos-chave: a experimentação do problema e a criação de conceitos. A definição da filosofia como “criação de conceitos” e a proposta de uma “pedagogia do conceito” são temas de *O que é a Filosofia?* (1992), de Deleuze e Guattari. A tese do problema como motor do pensamento tem como referência livros publicados por Deleuze no final da década de 1960: *Diferença e Repetição* (1968) e *Lógica do Sentido* (1969). A pesquisa tem por objetivo examinar os elementos constitutivos da “pedagogia do conceito”, tendo como referencial teórico as obras mencionadas. Para tanto, dividimos o texto em três momentos: 1. Problema como motor do pensamento; 2. Experimentar o problema e criar o conceito; 3. Pedagogia do conceito.

**Palavras-chave:** pedagogia do conceito; problema; sentido; acontecimento; ensino de filosofia.

**Abstract:** Silvio Gallo (2020), in *Methodology for teaching philosophy: A didactics for high school*, proposes a methodology for teaching philosophy, called “pedagogy of the concept”, which has two key elements: experimentation with the problem and the creation of concepts. The definition of philosophy as “creation of concepts” and the proposal of a “pedagogy of concepts” are themes in *What is Philosophy?* (1992), by Deleuze and Guattari. The thesis of problem as a driver for thought is based on books published by Deleuze in the late 1960s: *Difference and Repetition* (1968) and *Logic of Sense* (1969). The research aims to examine the constituent elements of the “pedagogy of the concept”, using the works mentioned as a theoretical reference. To this end, we divided the text into three moments: 1. Problem as a driver for thought; 2. Experimentation with the problem and creation of the concept; 3. Pedagogy of the concept.

**Keywords:** pedagogy of the concept; problem; event; concept; teaching philosophy.

## Introdução

No livro *Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o ensino médio*, Silvio Gallo (2012/2020) sistematiza sua “pedagogia do conceito” em torno de dois elementos-chave: a experimentação do problema e a criação do conceito. Conforme Gallo, pensar em “ensino ativo” para a filosofia, no sentido do desenvolvimento do pensamento autônomo e crítico dos estudantes, implica a possibilidade da experiência do conceito, ou seja, a experiência do pensamento filosófico conceitual, o qual, por sua vez, parte sempre de um problema ou de uma problematização. Esses dois elementos centrais da pedagogia do conceito, Gallo formula a partir do diálogo com obras importantes de Deleuze: *Lógica do Sentido, Diferença e Repetição* e *O que é a Filosofia?*, este último escrito em parceria com Guattari.

Antes de publicar a obra em 2012, Gallo já vinha desenvolvendo uma abordagem para pensar a educação e o ensino de filosofia desde os anos 1990. Mas é a partir de 2001 que sua pesquisa é marcada pelo livro *O que é a Filosofia?* (1992), de Deleuze e Guattari. Outros textos foram publicados tendo a obra de Deleuze como referencial, como: *O que é a filosofia da educação? Anotações a partir de Deleuze e Guattari* (2000); *Em torno de uma educação menor* (2002); e *Deleuze e a Educação* (2003). O desdobramento de uma “pedagogia do conceito” foi objeto de vários artigos que serviram de base para o livro referido nessa pesquisa, entre eles “A especificidade do ensino de filosofia: Em torno dos conceitos” (2002). O próprio autor afirma que o livro é o resultado de vários textos publicados desde os anos 2000.

Outras propostas de “pedagogia do conceito” inspiradas em Deleuze e Guattari vem sendo desenvolvidas, tais como as de Bianco (2002, 2005) e de Petres (2002). Assim como a proposta do ensino de filosofia como criação de conceitos tem sido explorada por outros autores, como Gallinas (2004), além de estudos que analisam as perspectivas de Gallo e de Bianco, como os de Loures (2021) e de Favreto (2021). De modo que, em um breve levantamento, nota-se que já há um debate sobre o tema do ensino de filosofia como criação de conceitos.

Contudo, essa pesquisa não objetiva fazer uma revisão do estado da arte, e sim examinar os elementos constitutivos da “pedagogia do conceito” proposta por Gallo (2020), tendo como referencial teórico as obras mencionadas de Deleuze e Guattari. Para tanto, dividimos o texto em três momentos: 1. Problema como motor do pensamento; 2. Experimentar o problema e criar o conceito; 3. Pedagogia do conceito.

## Problema como motor do pensamento

Na tese do problema como motor do pensamento, Gallo (2020) adota como referência dois livros de Deleuze: *Diferença e Repetição* (1968) e *Lógica do Sentido* (1969). Nessas duas obras, Deleuze formulou as bases da filosofia da diferença em contraponto à filosofia da representação ou da identidade, enquanto modo hegemônico do pensamento filosófico ocidental, tendo como marco a lógica aristotélica.

Em *Diferença e Repetição*, Deleuze examina em profundidade o conceito de diferença em suas várias acepções ao longo da história da filosofia ocidental, desde a

lógica da identidade e da diferença segundo Aristóteles até a lógica e ontologia da diferença em Leibniz e Hegel, para apresentar sua concepção da diferença em si mesma, sem submissão ao discurso da representação em sua quádrupla raiz: a *identidade* do conceito, a *oposição* dos predicados, a *analogia* do juízo e a *semelhança* da percepção. Para a economia de nosso estudo, importa destacar a questão do problema como motor do pensamento.

Gallo destaca que no projeto deleuziano da filosofia da diferença, o *problema* ocupa um papel central: “como aquilo que mobiliza o pensamento e o move, como aquilo que faz pensar”.<sup>1</sup> Para Deleuze, a criação de conceitos não é algo “natural” no sentido de algo fácil ou sem esforço, como se bastasse repetir os conceitos dos filósofos anteriores para experimentar o pensamento conceitual, ao contrário, só pensamos porque somos forçados a pensar e o que nos força a pensar é o *problema*. Em uma passagem de *Diferença e Repetição*, Deleuze observa que a relevância do problema é até reconhecida pela pedagogia:

Tentativas pedagógicas procuraram obter a participação dos alunos, mesmo muito jovens, na confecção de problemas, em sua constituição, em sua posição como problemas. Além disso, todo mundo “reconhece” de certa maneira que o mais importante são os problemas.<sup>2</sup>

Contudo, Deleuze recusa a noção usual de problema como aquilo que necessita de uma solução em termos de verdadeiro ou falso, conforme os critérios da lógica da identidade e do discurso proposicional. Deleuze afirma no parágrafo seguinte que “o *problema* ou o *sentido* é o lugar de uma verdade originária e, ao mesmo tempo, a gênese de onde uma verdade deriva. As noções de não-senso, de falso sentido, de contrassenso, devem ser reportadas aos problemas”.<sup>3</sup> Essa definição do problema como sinônimo de sentido e acontecimento foi desdobrada um ano depois em *Lógica do Sentido* (1969). O sentido é sempre do acontecimento, como exposto nessa obra, que apresenta a lógica dos estoicos como a primeira ruptura com a lógica aristotélica da identidade, tendo como referência a obra de Bréhier (2012): *Teoria dos incorporais no estoicismo antigo*.<sup>4</sup>

O sentido do acontecimento não ultrapassa apenas os limites da lógica aristotélica da identidade, mas as três relações da proposição reconhecidas pelas teorias contemporâneas da linguagem, a saber: 1. a *designação* ou indicação de estados de coisas; 2. a *manifestação* do sujeito da representação; 3. a *significação* lógica operada por conceitos. Deleuze destaca que, para os estoicos, a proposição não é atribuição de um predicado a um sujeito, como para a lógica aristotélica, mas exprime em palavras um *acontecimento*.

Em outro estudo<sup>5</sup>, examinamos a definição deleuziana de acontecimento, cuja inovação foi propor o *sentido* como a quarta relação da proposição: “o sentido é a quarta dimensão da proposição e os estóicos a descobriram enquanto acontecimento”. Segue Deleuze, “o sentido é o *expresso da proposição*, este incorporal na superfície das coisas,

<sup>1</sup> GALLO, Silvio. *Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o ensino médio*, p. 71.

<sup>2</sup> DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*, p. 228-9.

<sup>3</sup> DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*, p. 229.

<sup>4</sup> A leitura de Deleuze afirma que a tese central do estoicismo para romper com a lógica aristotélica reside na ideia de *incorporal* que neste sistema designa o “exprimível”.

<sup>5</sup> RAMACCIOTTI, Bárbara. *Deleuze: conceito de acontecimento ou filosofia do acontecimento?*, pp. 27-43.

entidade complexa irreduzível, acontecimento puro que insiste ou subsiste na proposição”.<sup>6</sup> O acontecimento enquanto sentido do que acontece (verbo), estabelece a relação expressa pela linguagem entre o incorporal e os corpos, entre os efeitos de superfície e o ser profundo e real, entre as palavras e as coisas.

Na *Lógica do Sentido*, Deleuze aproxima as noções de problema e de acontecimento, entendido como um conjunto de singularidades e multiplicidades, como vemos nesta passagem: “O acontecimento por si mesmo é problemático e problematizante. Um problema, com efeito, não é determinado senão por seus pontos singulares que exprimem suas condições”.<sup>7</sup> Na obra de 2020, Gallo sublinha que na ótica deleuziana um problema nunca tem uma solução dada, pois depende de como se agenciam as singularidades e multiplicidades que o compõem. Um problema pode ser articulado ou solucionado de diversas formas, dependendo dos encontros, dos agenciamentos, ou seja, das combinações entre as singularidades envolvidas.

A lógica do sentido como acontecimento, em distinção à lógica da identidade e ao discurso proposicional, foi retomada em *O que é a filosofia?*, sendo chave para compreender a concepção de *conceito* filosófico enquanto aquilo que se refere ao sentido dos acontecimentos e não a coisas ou a corpos, sendo por isso distinto do discurso proposicional característico da ciência: “O conceito é um incorporal, embora se encarne ou se efetue nos corpos. [...] O conceito diz o acontecimento, não a essência ou a coisa. É um acontecimento puro”.<sup>8</sup> Portanto, quando Deleuze e Guattari definem a filosofia como criação de conceitos, esses são concebidos como o incorporal que traduz o sentido de um acontecimento, que é sempre único e singular como toda experiência.

Importante observar que a concepção de problema como núcleo do conceito entendido como sentido do acontecimento, proposto por Deleuze e corroborado por Gallo, não tem nada a ver com a ideia de *interrogação*, ou seja, com questões ou perguntas que buscam respostas a partir do discurso proposicional, cuja solução resulta em respostas verdadeiras ou falsas. O problema desde a ótica deleuziana é extra proposicional, no sentido do acontecimento enquanto singularidade experimentada. Uma passagem de *Diferença e Repetição* lança luz sobre esse ponto:

Por não ver que o sentido ou o problema é extra proposicional, que ele difere, por natureza, de toda proposição, perde-se o essencial, a gênese do ato de pensar, o uso das faculdades. [...] Fazem-nos acreditar, ao mesmo tempo, que os problemas são dados já feitos e que eles desaparecem nas respostas ou na solução.<sup>9</sup>

Em outras palavras: enquanto a resposta para uma interrogação é buscada no campo do discurso proposicional, tendo por referência a designação ou descrição de estados de coisas, a manifestação do sujeito da representação e a significação lógica posta pela *doxa* de uma comunidade que compartilha uma “consciência comum empírica”; o sentido de um problema “filosófico” é sempre extra proposicional, pois trata-se do

<sup>6</sup> DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*, p. 20.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 57.

<sup>8</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*, p. 33.

<sup>9</sup> DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*, pp. 228-229.

sentido de um acontecimento que é sempre singular enquanto experiência única. Deleuze pensa a *interrogação* posta pelo discurso proposicional como o modo próprio do discurso científico e da opinião pública, enquanto o problema que busca o conceito como sentido do acontecimento, seria o modo próprio do pensamento filosófico.

Nós sabemos qual é o agente da ilusão; é a interrogação, que, nos quadros de uma comunidade, desmembra os problemas e as questões e os reconstituem de acordo com proposições da consciência comum empírica, isto é, de acordo com verossimilhanças de uma simples *doxa*".<sup>10</sup>

Sobre esse ponto, Gallo observa que "mais importante do que resolver um problema" e do que buscar uma solução, "é experimentá-lo sensivelmente, pois as soluções são engendradas *pelo* próprio problema, *no* próprio problema".<sup>11</sup> Cada experimentação singular do problema possibilita a criação e invenção de novas soluções. Nesse viés, Gallo ainda destaca que em *Diferença e Repetição* a tese central de Deleuze é a defesa da experimentação do problema como núcleo do pensamento: a única condição para o pensamento autônomo ou para o exercício do pensamento próprio é a experimentação dos próprios problemas. Contudo, em geral predomina o "preconceito infantil, segundo o qual o mestre apresenta um problema, sendo nossa tarefa resolvê-lo e sendo o resultado desta tarefa qualificado de verdadeiro ou de falso por uma autoridade poderosa".<sup>12</sup>

A definição da filosofia como conhecimento que cria conceitos, defendida por Deleuze e Guattari em *O que é a filosofia?*, parte da ideia segundo a qual os conceitos são criados para enfrentar e solucionar problemas, pois a necessidade de criar conceitos decorre dos problemas: "não se criam conceitos, a não ser em função dos problemas que se consideram malvistas ou mal colocados".<sup>13</sup> Gallo, nesse mesmo sentido, afirma: "O problema é aquele incômodo que perturba o filósofo, que não lhe permite descansar, que o faz aventurar-se no pensamento e fabricar conceitos".<sup>14</sup>

## Experimentar o problema e criar o conceito

A relação entre experimentar o problema e criar o conceito forma o núcleo do que Gallo define como "pedagogia do conceito": "é preciso saber colocar bem o problema, para que o conceito possa ser criado".<sup>15</sup> Aqui a ideia de problema retoma a concepção deleuziana, tencionando com as chamadas "pedagogias do problema", que predominam nas propostas de aprendizagem que partem de "falsos problemas". Os "falsos problemas" seriam aqueles postos pelos mestres, cuja resposta certa foi definida *a priori*, bastando repeti-la acriticamente, pois já foi dada pelos manuais, livros didáticos, em suma pela comunidade de referência. Nessa pedagogia dos falsos problemas não há

---

<sup>10</sup> Ibidem, p. 226

<sup>11</sup> GALLO, S. Op. Cit., p. 77.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 228.

<sup>13</sup> DELEUZE; GUATTARI. *O que é a filosofia?*, p. 28.

<sup>14</sup> GALLO, S. Op. Cit., p. 80.

<sup>15</sup> GALLO, S. Op. Cit., p. 80.

possibilidade de o estudante experimentar o problema, se envolver com ele, mas apenas buscar a solução certa já dada. Em contrapartida, a pedagogia do conceito não parte de métodos preexistentes, pois cada problema experimentado precisa inventar seu próprio método, ou seja, seu caminho e estilo na criação de conceitos entendidos como soluções.

Uma pedagogia do conceito, para a qual não há método possível, sob pena de criar na reconhecimento, na imagem dogmática, na não criação, estaria então baseada nesta dupla atividade: *experimentar o problema, produzir o conceito*, uma não sendo possível senão por intermédio da outra, e seus modos de ação sendo sempre singulares, múltiplos, plurais”.<sup>16</sup>

Gallo considera que o ensino emancipatório por meio da pedagogia do conceito seria uma possibilidade de resistência à “sociedade pedagogizada”, expressão usada por Rancière, em *O mestre ignorante*, para definir o modelo de “ensino embrutecedor” ou o modelo “da máquina explicadora”, que funda o mito pedagógico do mundo dividido entre o mestre que sabe que explica, e o aluno que não sabe, que aprende. Portanto, o modelo do mestre explicador, que sustenta a “sociedade pedagogizada” parte da desigualdade e da hierarquia entre o espírito sábio e superior (mestre) e o espírito ignorante e inferior (aprendiz). Esse mito pedagógico, em vez que formar sujeitos emancipados e livres, produz indivíduos aptos a reproduzir saberes prontos, por isso trata-se de um “ensino embrutecedor”, porque partidário da reconhecimento ou da repetição. O modelo da reconhecimento reduz o conhecimento a um certo reconhecimento, exigindo a repetição de conteúdos e conceitos já dados para verificação ou correção. Esse modelo do “ensino explicador” e da reconhecimento está presente desde

a alegoria da caverna: o filósofo que faz o percurso do aprendizado, libertando-se da contemplação das sombras, tem uma espécie de “dever moral” de retornar à caverna e *ensinar* a seus iguais o caminho da verdade. A questão é que hoje vivemos numa espécie de “sociedade pedagogizada”, para usar a expressão de Rancière, que se produziu pelo exercício da máquina explicadora.<sup>17</sup>

Gallo concorda com Rancière que o ensino para ser emancipatório precisa partir da possibilidade de construção de uma igualdade entre quem ensina e quem aprende. Somente dessa maneira seria possível um ensino de filosofia ativo, para além da reconhecimento, pois romperia com a repetição de ideias e problemas, possibilitando a experiência do pensamento por meio de um “aprendizado criativo e não simplesmente reprodutivo”.<sup>18</sup> Nesse viés, para a pedagogia do conceito ser aplicada como metodologia no ensino de filosofia, a experimentação do problema é central, a colocação dos problemas é mais importante do que as soluções avaliadas como certas ou erradas. O conceito é o produto do pensamento ou a solução de um problema filosófico, mas nem sempre a produção de novos conceitos será conclusiva, sendo mais importante o

---

<sup>16</sup> Ibidem, p. 81.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 70.

<sup>18</sup> Ibidem, p.82.

processo e a tentativa de problematização, com a colocação de novas perguntas. Gallo resume a pedagogia do conceito nos seguintes pontos:

Pensar o ensino de filosofia, pois, como cálculo diferencial do problemático. Desvendar os problemas regressivamente, a partir dos conceitos, a fim de possibilitar a experiência do problema e a criação do conceito. Dar a oportunidade assim, a cada um, da experimentação do pensamento no registro da filosofia, E, como a aprendizagem é caracterizada por Deleuze como os “atos subjetivos operados diante do problema”, podemos inferir que o aprendizado do problemático, como experiência do problema, pode redundar na criação do conceito.<sup>19</sup>

Apesar de Gallo, em 2020, desdobrar sua proposta de ensino de filosofia como uma pedagogia do conceito, o autor observa que não se trata de um “método” ou de uma “metodologia” de ensino em um sentido tradicional, por isso ele desenvolve no capítulo quatro o tópico: “Educar não é questão de método”, recorrendo mais uma vez ao pensamento deleuziano para se posicionar criticamente no debate pedagógico. A proposta da pedagogia do conceito não deve ser confundida como um novo método de ensino, mas como uma possibilidade de experiência do pensamento filosófico como aquele que busca criar conceitos para problemas vividos, problemas que nos provocam e exigem uma resposta singular no sentido existencial.

Deleuze afirma ainda que, assim como não há métodos para encontrar tesouros, também não há métodos para aprender. O método é um instrumento de controle, de regulação do que se sabe e de como se sabe, de definir aquilo que é possível que cada um saiba.<sup>20</sup>

Para Deleuze, assim como só se aprende a nadar nadando, só se aprende a pensar pensando, enfrentando os próprios problemas e buscando criar os conceitos para a experiência singular experimentada. Por isso, a relação entre mestre e aprendiz não pode ser de hierarquia, precisa ser horizontal, de colaboração. Nesse viés, Gallo destaca a importância de o docente abandonar o modelo tradicional de aula expositiva e o papel do “professor explicador” e do “professor livro-aberto”.<sup>21</sup> Esses dois tipos de docentes encarnam a figura daquele que sabe tudo ou quase-tudo, mantendo a estrutura hierarquizada na relação professor-aluno, fazendo com que o ensino de filosofia seja pautado pela repetição de velhos problemas e conceitos.

## **Pedagogia do conceito**

Para explicar a proposta da pedagogia do conceito, Gallo (2020) coloca a seguinte questão: é possível aprender o que é um conceito e como criar conceitos? Podemos

---

<sup>19</sup> Ibidem, p. 83.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 88.

<sup>21</sup> Gallo cita aqui os tipos de professores trabalhados por Jacques Rancière em *O mestre ignorante*.

definir o pensamento filosófico por conceitos como um exercício de resistência à simples opinião e à velocidade dos tempos hipermodernos?

A tese segundo a qual só seria possível ensinar e aprender a filosofar por meio dos conceitos, ou através de uma “pedagogia do conceito”, Gallo aprofunda tendo como base a proposta de Deleuze e Guattari no livro *O que é a Filosofia?*, a saber, a necessidade de se investir em uma “pedagogia do conceito”. Para os pensadores franceses, essa proposta se desdobrou na tentativa de compreender as regras, os processos e os caminhos da criação dos conceitos filosóficos.<sup>22</sup> Gallo, por sua vez, se centrou na tarefa de traduzir a definição da filosofia como criação de conceitos em uma pedagogia do conceito aplicada ao contexto das aulas de filosofia no Ensino Médio. Esse esforço de tradução e aplicação se verifica nos quatro passos ou momentos didáticos da pedagogia do conceito, que podem servir como vias abertas de experimentação e não como um caminho fechado. Vejamos.

*A sensibilização*: esse seria o primeiro momento, mais lúdico, o qual pode ser usado para despertar a atenção e o interesse dos discentes para o tema a ser trabalhado, usando-se como recursos uma música, um poema/poesia, um quadro, um filme, um desenho animado, uma história em quadrinhos, um livro de ficção etc. Os conceitos são criados para enfrentar problemas, e só enfrentamos problemas que vivemos concretamente, por isso os temas/problemas precisam ser vividos e escolhidos pelos discentes, não adianta o docente fazer essa escolha.

Dai a necessidade de sensibilização. Trata-se, em outras palavras, de fazer com que os estudantes vivam, “sintam na pele”, um problema filosófico, a partir de um elemento não filosófico. Trata-se de fazer com que os estudantes incorporem o problema, para que possam vir a criar um conceito incorporal.<sup>23</sup>

*A problematização*: esse momento pode ser usado para transformar o tema escolhido por meio da sensibilização em problema, ou seja, fazer com que cada estudante tenha o desejo de buscar soluções, partindo da problematização do tema em diferentes perspectivas e aspectos. Colocar o tema em discussão/debate é uma boa estratégia didática, para que surjam problematizações, a partir de diferentes perspectivas, pontos de vista, ângulos. Nessa etapa o senso crítico e problematizador da filosofia é estimulado, ou seja, para que surjam perguntas e questões, pondo em xeque as certezas prontas, as opiniões cristalizadas, em suma: o senso-comum.

*A investigação*: nesse momento buscam-se elementos que possibilitem a solução dos problemas levantados, podendo-se tomar a história da filosofia como um recurso didático necessário para pensar os problemas e conceitos dos filósofos, para pensar os problemas vividos por nós em nosso tempo. “Uma investigação filosófica busca conceitos na história da filosofia que possam servir como ferramenta para pensar o

---

<sup>22</sup> A definição de conceito filosófico e seus traços característicos explorado por Deleuze e Guattari em *O que é a filosofia?* esse tema foi objeto do artigo: *Construtivismo de Deleuze: filosofia como construção de conceitos* (RAMACCIOTTI, B. *Construtivismo de Deleuze: filosofia como construção de conceitos* pp. 20-38).

<sup>23</sup> GALLO, S. *Op. Cit.*, p. 96.



problema em questão”, observa Gallo, colocando algumas perguntas que podem ajudar na condução dessa etapa:

Terá Platão se deparado com esse problema? Em caso afirmativo, como ele pensou? Produziu algum conceito que tenha dado conta dele? O conceito platônico ainda é válido em nosso tempo? Ele dá conta do problema tal como vivemos hoje? E na modernidade, Descartes ou Espinosa lidaram com o mesmo problema? Criaram seus conceitos? São esses conceitos mais adequados ou menos adequados que aquele criado por Platão?<sup>24</sup>

A *conceituação*: esse seria o momento final, tratando-se de recriar os conceitos para que solucionem nosso problema, ou de criar novos conceitos. Gallo destaca que

aprendemos com Nietzsche e com Deleuze e Guattari que há parentesco entre os conceitos, e que o mero deslocamento de um conceito do contexto em que ele foi criado para um outro contexto – o nosso próprio – é uma recriação do conceito, pois ele já não é mais o mesmo.<sup>25</sup>

A leitura de Gallo das propostas de Nietzsche, Deleuze e Guattari, ajuda a desmistificar o processo de criação de conceito como se fosse algo impossível ou só possível para os grandes filósofos do panteão da história “oficial” da filosofia. Esse deslocamento de conceitos filosóficos de seu contexto para um novo contexto, esse movimento é o que todo filósofo realiza quando parte de componentes de conceitos anteriores para criar seus próprios conceitos. Não existe uma criação a partir do nada.

Que fique claro então que a criação (ou recriação) do conceito não é uma tarefa impossível: não se cria no vazio, com base em nada; são os próprios conceitos da história da filosofia ou seus elementos constitutivos que nos darão a matéria-prima para nossa atividade de criação ou recriação a partir de nosso próprio problema.<sup>26</sup>

## Considerações finais

Examinamos a metodologia de ensino de filosofia proposta por Silvio Gallo: a pedagogia do conceito, a qual parte da problematização e da conceituação, ou seja, da experiência do problema como motor do pensamento e da filosofia como criação de conceitos, teses apresentadas por Deleuze em vários livros, como *Lógica do Sentido*, *Diferença e Repetição* e *O que é a Filosofia?*, esse último escrito em parceria com Guattari.

Como via de experimentação da pedagogia do conceito, Gallo (2020) sugere quatro passos ou momentos pedagógicos, que podem estruturar as aulas de filosofia: 1. *Sensibilização*: momento de mobilizar o interesse dos estudantes por temas a partir de materiais didáticos não-filosóficos como músicas, filmes, literatura, pintura etc.; 2.

<sup>24</sup> GALLO, S. Op. Cit., p. 97.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 98.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 98.

*Problematização*: momento de transformar o tema em problema, a partir da vivência dos próprios estudantes, buscando seus interesses e pontos de vista diferentes; 3. *Investigação*: momento de busca de conceitos na história das filosofias, que possibilitem pensar os problemas, perspectivas filosóficas diferentes, divergentes, complementares, dando profundidade e complexidade aos problemas; 4. *Conceituação*: momento de recriar os conceitos para responder e solucionar os nossos próprios problemas, os problemas vividos pelos estudantes, esse deslocamento possibilitando uma recriação de conceitos.

A proposta de Gallo ao apontar esses quatro passos didáticos, a *sensibilização* e a *problematização* das experiências vividas pelos estudantes como ponto de partida, sendo o momento da *investigação* dos conceitos a partir dos filósofos o terceiro passo e a recriação de conceitos o último, não visa criar uma metodologia fechada, mas um caminho que pode ser experimentado e alterado por cada docente. Além disso, Gallo, inspirado em textos de Deleuze, enfatiza que o problema como motor do pensamento ou dos conceitos filosóficos não se resume a meras interrogações postas pelo professor, cujas respostas certas são dadas pelo discurso proposicional compartilhado pela comunidade acadêmica ou pela opinião pública.

Para que o problema e sua investigação sejam significativos, o estudante deveria experimentá-lo como um problema singular. Aqui o importante é o problema ter um sentido próprio, algo que dê significado às experiências de vida, algo que possibilite questionar o senso comum, as crenças herdadas, a visão de mundo dominante, algo que problematize a visão comum já dada, possibilitando a experiência de autonomia e do pensamento crítico.

Como operacionalizar essa pedagogia em sala parece ser o grande desafio, sobretudo quando se pensa em escola pública. Outro ponto sensível: como conduzir esse processo para que não caia em um vale-tudo, em uma mera repetição do senso comum como se fosse um sentido próprio? Talvez trabalhar em profundidade o momento da problematização de modo que seja significativo para os estudantes, seja uma chave relevante para que de fato possa haver o passo seguinte, ou seja, a criação ou recriação de conceitos filosóficos como apropriação, deslocamento e ressignificação desses, para dar sentido próprio aos acontecimentos singulares das vivências discentes.

Experimentar as potências e as limitações da pedagogia do conceito proposta por Gallo é uma possibilidade para quem se interessar por essa via aberta. Nosso objetivo central nesse estudo foi analisar essa proposta metodológica para o ensino de filosofia tendo como foco o processo de experimentação dos problemas e da (re)criação de conceitos filosóficos a partir do diálogo com Deleuze e Guattari.

## Referências Bibliográficas

- BIANCO, Giuseppe. Otimismo, pessimismo, criação: pedagogia do conceito e resistência. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1289-1308, Set./Dez. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
- BIANCO, Giuseppe. G. Gilles Deleuze Educador: sobre a pedagogia do conceito. *Educação & Realidade* Porto Alegre v.27 n.2 p.179-204 jul.1dez.2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25926>

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto A. Muñoz. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- FAVRETO, E. K. O filósofo educador e a filosofia criadora: uma análise da “pedagogia do conceito” de Deleuze e Guattari. *Polymatheia - Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 6, n. 9, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/6464>
- GALLO, Silvio. *Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o ensino médio*. Campinas: Papirus, 2020.
- GALLO, S. *Deleuze e a Educação*. Belo horizonte: Autêntica, 2003.
- GALLO, S. O que é a filosofia da educação? Anotações a partir de Deleuze e Guattari. *Perspectivas*, Florianópolis, v. 18, n.34, p. 49-68, jul/dez, 2000.
- GALLO, S. Em torno de uma educação menor. *Educação & Realidade* Porto Alegre v.27 n.2 p.170178 jul./dez.2002.
- PETERS, Michael. Geofilosofia, educação e pedagogia do conceito. In Dossiê Deleuze. *Educação & Realidade* Porto Alegre v.27 n.2 p.77-88 jul.dez.2002.
- RAMACCIOTTI, Bárbara. *Deleuze: conceito de Acontecimento ou filosofia do acontecimento?* In Correia, A.; Haddock-Lobo, R.; Silva, C. V. da (Orgs.). *Deleuze, desconstrução e alteridade*. Coleção XVII Encontro ANPOF: ANPOF, 2017, p. 27-43. Disponível em: <http://www.anpof.org/portal/images/deleuze-desconstrucao-alteridade.pdf>
- RAMACCIOTTI, Bárbara. *Construtivismo de Deleuze: filosofia como construção de conceitos*. In Carvalho, M.; Fornazari, S. K.; Haddock-Lobo, R. (Orgs.). *Filosofias da Diferença*. Coleção XVI Encontro ANPOF: ANPOF, 2015, p. 20-38. Disponível em: [http://www.anpof.org/portal/images/Colecao\\_XVI\\_Encontro\\_ANPOF/Filosofias\\_da\\_Diferenca.pdf#page=20](http://www.anpof.org/portal/images/Colecao_XVI_Encontro_ANPOF/Filosofias_da_Diferenca.pdf#page=20)
- RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- SIMONE GALLINA. O ensino de filosofia e a criação de conceitos. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 359-371, set./dez. 2004. Disponível em: Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

---

Recebido / Received: 27/05/2024  
Aprovado / Approved: 25/11/2024